



**NARRATIVAS DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O
CORPO NA MUSCULAÇÃO: OBJETO PRODUTIVO, FUNCIONAL,
SAUDÁVEL E BELO**

**NARRATIVES FROM PHYSICAL EDUCATION PROFESSIONALS ABOUT
THE BODY IN BODYBUILDING: PRODUCTIVE, FUNCTIONAL, HEALTHY
AND BEAUTIFUL OBJECT**

**NARRATIVAS DE PROFESIONALES DE EDUCACIÓN FÍSICA SOBRE EL
CUERPO EN EL CULTURISMO: OBJETO PRODUCTIVO, FUNCIONAL,
SALUDABLE Y BELLO**


Jéssica Vicente Rosa


<https://orcid.org/0009-0005-6790-5538> 

<http://lattes.cnpq.br/0405273877709128> 

Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis, SC – Brasil)
jessicavicenterosa@gmail.com

Patricia Luiza Bremer Boaventura

<https://orcid.org/0000-0002-0839-0184> 

<http://lattes.cnpq.br/8967848644872629> 

Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis, SC – Brasil)
plbboaventura@gmail.com

Resumo

O corpo apresenta-se como objeto polissêmico, em que cada cultura confere significados a ele, determinando atributos valorizados e uma série de padrões morais, estéticos, de saúde. Compreendendo que os profissionais de Educação Física (EF) contribuem para a construção de hábitos, crenças e modos de agir sobre o corpo e a saúde, o objetivo desta pesquisa foi investigar os significados de corpo para profissionais de EF que atuam em academias de musculação. Foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas com dois instrutores de salas de musculação e dois personal trainers. A partir da Análise de Conteúdo de Bardin, foi identificado que os significados de corpo dos profissionais formam-se com base no corpo-máquina, um objeto produtivo e funcional. Conclui-se que o corpo é concebido como uma máquina biológica separada da mente nas narrativas, o que reflete na atuação e na visão de saúde e beleza apresentada pelos profissionais.

Palavras-chave: Corpo; Musculação; Academia de Ginástica; Educação Física; Fitness.

Abstract

The body presents itself as a polysemic object, in which each culture gives it meaning, determining valued attributes and a series of moral, aesthetic and health standards. Understanding that Physical Education (PE) professionals contribute to the construction of habits, beliefs and ways of acting on the body and health, the objective of this research was to investigate the meanings of the body for PE professionals who work in weight training gyms. Four semi-structured interviews were carried out with two weight room instructors and two personal trainers. From Bardin's Content Analysis, it was identified that the professionals' body meanings are formed based on the body-machine, a productive and functional object. It is concluded that the body is conceived as a biological machine separate from the mind in the narratives, which is reflected in the performance and vision of health and beauty presented by professionals.

Keywords: Body; Bodybuilding; Fitness Center; Physical Education; Fitness.



Resumen

El cuerpo se presenta como un objeto polisémico, en el que cada cultura le otorga significado, determinando atributos valorados y una serie de estándares morales, estéticos y de salud. Entendiendo que los profesionales de Educación Física (EF) contribuyen para la construcción de hábitos, creencias y formas de actuar sobre el cuerpo y la salud, el objetivo de esta investigación fue investigar los significados del cuerpo para los profesionales de EF que actúan en gimnasios de musculación. Se realizaron cuatro entrevistas semiestructuradas a dos instructores de sala de pesas y dos entrenadores personales. A partir del Análisis de Contenido de Bardin, se identificó que los significados corporales de los profesionales se forman a partir del cuerpo-máquina, objeto productivo y funcional. Se concluye que el cuerpo es concebido como una máquina biológica separada de la mente en las narrativas, lo que se refleja en la actuación y visión de la salud y la belleza presentada por los profesionales.

Palabras-clave: Cuerpo; Musculación; Gimnasio; Educación Física; Fitness.

INTRODUÇÃO

O corpo é artefato tanto biológico como simbólico, é um verdadeiro arquivo vivo da história da humanidade (Sant'anna, 2004). Como apontam Melo e Moreira (2020, p. 12), “as razões para o corpo assumir as suas atuais configurações ou receber um determinado tratamento é, basicamente, sociológica”. Cabe pensar, assim, o corpo como um “objeto múltiplo, polissêmico, complexo” (Ayoub; Soares, 2019, p. 3). Ele apresenta-se na contemporaneidade como veículo importante para a construção de subjetividades e identidades (Hansen; Vaz, 2004).

O corpo como objeto polissêmico tem seu significado modificado ao longo da história. Barbosa, Matos e Costas (2011) referem que a história do corpo é a história da humanidade. Dentro disso, Sant'anna (2000) discute como, ao longo da história, ocorrem redescobertas sobre o corpo, em que não apenas se modificam os significados e sentidos, como também os usos dele. Essas redescobertas apontam que não há uma naturalização possível para o corpo, mas indica que ele é fruto de uma interconexão entre natureza e cultura, ou seja, construído significativamente por determinações culturais com variáveis infinitas (Boaventura, 2016; Mendes; Nobrega, 2009; Silva, 2001).

Cada cultura constrói um entendimento de corpo, agindo sobre ele, determinando atributos valorizados e uma série de padrões (morais, estéticos, de saúde) (Barbosa; Matos; Costas, 2011). Os significados se (trans)formam ao longo do tempo, porém a ideia de moldar, adestrar, gerenciar, dominar e educar o corpo para que seja forte, potente, belo, saudável e funcional estão presentes na história do corpo e na contemporaneidade, tomado pelo discurso de progresso sem limites e de uma concepção de ciência que espera tudo conhecer e dominar (Vaz, 1999). Sudo e Luz (2010) expõem como o corpo é submetido cada vez mais a intervenções e técnicas apoiadas a discursos científicos com o intuito de se “ter saúde”. Nessa mesma direção, tem-se outros trabalhos que problematizam o lugar do corpo e sua educação em





diferentes esferas sociais, o esporte entre elas (Boaventura, 2016; Gonçalves, 2014; Gonçalves; Vaz, 2012; Gonçalves; Turelli; Vaz, 2012; Bassani; Vaz, 2008)

Essas e outras noções de corpo trazem consigo problemáticas e desafios a serem sempre (re)vistos. Assim, nenhuma concepção sobre o corpo humano é neutra, fixa ou sem efeitos, e a partir delas surgem formas de usar e educar os corpos (Sant'Anna, 2000). Os diferentes significados que são dados ao corpo determinam formas de sê-lo e tê-lo.

Dentro disso, considera-se importante pensar como a Educação Física (EF), enquanto campo de conhecimento, concebe os corpos nos tempos atuais. A EF participa da construção de discursos sobre o corpo e está entrelaçada às produções científicas correntes em outros campos de saber, sobretudo, das Ciências Naturais e das Ciências Humanas e Sociais (Collier, 2019). Cavalheiro e Soares (2015) indicam como a EF apresenta-se como um espaço possível e propício para se pensar o corpo e seus usos a partir das suas múltiplas formas, e o quanto os significados estão de acordo com as diferentes concepções de corpo construídas historicamente.

Os profissionais de EF atuam na educação de corpos em diferentes instituições sociais, e aqui destacamos as academias de musculação. Nelas, seu papel vai além da supervisão das práticas que ali ocorrem. Eles contribuem para a construção de hábitos, crenças e modos de agir com base em conhecimentos técnico-científicos sobre corpo e saúde (Silva; Ferreira, 2020). No entanto, como abordam Silva e Ferreira (2020), por vezes os discursos técnicos se baseiam em reproduções de perspectivas biologizantes e biomédicas. Os autores propõem que os profissionais de EF atuem de modo crítico e reflexivo visando a promoção de saúde, porém o que ocorre em sua prática, de maneira geral, é a predominância dos aspectos técnicos em detrimento de refletir sobre os aspectos socioculturais.

Considerando essas questões, esta pesquisa teve como objetivo investigar os significados de corpo para profissionais de EF que atuam em academias de musculação e discutir como essas representações estão presentes na forma como estes profissionais atuam nesse espaço social. Dentro disso, pergunta-se: Quais são os significados de corpo atribuídos por profissionais de EF que atuam em academias de musculação? Em que medida essas representações nos permitem refletir sobre a relação entre corpo, musculação e saúde na atuação profissional?

Diversas pesquisas têm estudado sobre o corpo e cultura em academias de musculação, analisando em que medida as questões sociais são consideradas nas intervenções





(Silva; Ferreira, 2020). Outros assuntos dentro desta perspectiva também aparecem, como: a concepção dos profissionais de EF sobre sua prática e o trato com os corpos (Freitas *et al.*, 2011); o espaço da musculação como generificado(r) e sexualizado (Silva; Ferreira, 2023); reflexões sobre a concepção de dor aguda e crônica de alunos e professores de EF na musculação (Silva; Ferreira, 2017); a relação entre treinamento esportivo e as práticas de modelação corporal em academias de musculação (Hansen; Vaz, 2004); a educação dos corpos masculinos e femininos nesses espaços (Hansen; Vaz, 2006); a relação entre a modificação corporal e o processo de construção identitária em mulheres praticantes de *bodybuilding* (Araujo; Vaz; Bassani, 2018); a musculação como uma atividade de lazer para os seus praticantes (Campos; Pessoa, 2022).

Estudar sobre a temática do corpo na perspectiva dos profissionais de EF dentro das academias de musculação se faz relevante, pois, como apontam Silva e Ferreira (2020), ainda são incipientes os estudos sobre as pedagogias do corpo nesse espaço social a partir de um olhar das Humanidades, já que há uma abrangência do campo biomédico. Ademais, para que novas abordagens sobre o corpo e saúde sejam construídas na EF e na musculação, são necessários o diálogo e a interrogação com outros saberes de maneira interdisciplinar.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa descritiva e de abordagem qualitativa (Minayo, 2001), foram realizadas entrevistas semiestruturadas (Manzini, 2003) com quatro (4) profissionais de EF que atuam em academias de musculação da região metropolitana de Florianópolis, no ano de 2023. As academias investigadas são academias de bairro, classificadas como de pequeno porte, apresentam características socioeconômicas e culturais semelhantes em termos de valores de mensalidade (em torno de R\$ 110,00 para a prática da musculação), foco no público atendido (adolescentes, jovens, adultos e idosos) e aulas ofertadas (musculação, lutas e aulas coletivas de ginástica). A escolha pelas academias investigadas se deu pela proximidade com o campo e pela presença de profissionais que atuam com a musculação.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CAAE: 65248322.2.0000.0121), e o acesso aos participantes ocorreu via instituição. A amostra ocorreu por saturação compreendendo que a complexidade da temática poderia ser analisada com base nas narrativas de 4 profissionais. Apesar do número reduzido,





buscamos compreender com profundidade, tal como afirma Minayo (2017, p. 4): “uma entrevista com alguém de um grupo é, ao mesmo tempo, um depoimento pessoal e coletivo”.

Dentre os participantes da pesquisa, dois são instrutores de salas de musculação e dois personal trainers. Enquanto os personal trainers atendem de forma individualizada e possuem flexibilidade de horário, os instrutores atendem o público da academia em horários especificados pela instituição. O termo instrutor de sala é utilizado por ser a forma como o campo denomina a função dos profissionais naquele ambiente de trabalho. Cabe comentar, que os instrutores também atuam como personal trainer, enquanto os personal trainers apenas atuam nessa ocupação.

Os participantes são homens de 25 a 40 anos de idade, têm de um a oito anos de atuação em academias de musculação. O quadro 1 a seguir, apresenta a caracterização dos participantes com códigos para garantir o sigilo e a privacidade dos dados:

Quadro 1 – Caracterização dos participantes

Participante	Idade	Gênero	Formação	Tempo de formação	Categoria de trabalho
A1	25 anos	M	Graduação em EF	1 ano formado	Instrutor de sala
A2	40 anos	M	Graduação em EF	4 anos formado	Instrutor de sala
B1	34 anos	M	Graduação em EF Mestrado em Ciências do Movimento Humano	8 anos formado	Personal trainer
B2	25 anos	M	Graduação em EF	Não informou	Personal trainer e fisiculturista

Fonte: construção dos autores.

Em relação a coleta de dados, as entrevistas ocorreram presencialmente nas academias investigadas, tiveram duração média de 35 minutos, foram gravadas e, posteriormente, transcritas para a análise de dados. Seguiu-se um roteiro de perguntas, dividido em 6 blocos: 1) Formação e experiência profissional; 2) Acompanhamento e interação com os alunos; 3) Montagem de treinos; 4) Avaliação física; 5) Objetivo da musculação; 6) Corpo.

Para a etapa de análise dos dados, foi utilizada a Análise de Conteúdo de Bardin (2011, p. 31), que é definida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”.





Primeiramente foram organizados os dados iniciais e realizada a sistematização de ideias a partir da transcrição e leitura dos dados das entrevistas. Após isso, foram categorizados, codificados, decompostos os dados por meio da tabulação das respostas em planilhas *excel*, conforme temáticas que emergiram das entrevistas. Por fim, foram realizadas inferências e interpretações dos dados correlacionando com o referencial teórico. São os códigos que nos dizem algo sobre os significados de corpo por profissionais de EF que atuam em academias de musculação que propomos analisar a relação entre corpo, musculação e saúde e que será discutida nas próximas páginas.

CORPO-MÁQUINA: ENTRE INSTRUMENTO E RENDIMENTO

O treinamento corporal surge como uma das formas contemporâneas mais importantes de organização da corporeidade, sendo que vários conhecimentos técnicos na área da EF são legitimadores e operadores de controle do corpo e sua produtividade (Vaz, 1999). Ao pensar em um corpo produtivo, moralmente eficaz e limpo aparece a ideia de corpo-máquina, conforme mostram Góis, Soares e Terra (2015). Para os autores, essa lógica parte da noção de uma racionalidade objetiva científica, que influenciou a cultura moderna e o campo da EF. Ao ser questionado o que é corpo, um dos entrevistados afirma que: “a ferramenta ou a máquina mais perfeita do mundo” (B1, 2023). Essa afirmativa de B1 aponta para uma representação de corpo abordada frequentemente no treinamento esportivo.

Para Vaz (1999), no treinamento esportivo o corpo precisa ser visto como operacionalizável, pois sem isso não há melhoria da performance esportiva. Essa significação é apresentada também na resposta de outro participante, a saber: “Eu vejo o corpo como [...] um organismo que tu tens que estimular ele e treinar ele para ti ter o máximo de, vamos dizer, de desenvolvimento e aproveitamento dele” (B2, 2023). Como um objeto de controle que deve receber estímulos constantes para o seu aperfeiçoamento, B1 ao ser questionado se tem ou se é corpo responde que: “a gente tem um corpo, a gente é uma consciência que adquire um corpo e corpo é trabalhado” (B1, 2023).

Segundo Vaz (1999) o corpo equiparado a uma máquina confirma o desejo de domínio sobre ele, que seria visto como a natureza interna do ser humano, devendo assim ser domesticado, controlado e treinado. Souza e Neves (2023) comentam sobre o efeito dessa concepção na EF, em que, partindo apenas da dimensão biológica, os sujeitos são enquadrados





conforme o padrão de normalidade e funcionalidade, e o movimento humano passa a ser racionalizado.

Nessa direção, os discursos baseados na biologia, anatomia e fisiologia do corpo têm efeitos na sua compreensão e tratamento, visando a transformação no domínio estético e/ou de saúde. A partir dessa concepção biologicista, o corpo passa a ser percebido como organismo de natureza biológica, como é possível observar no relato de B1 ao ser questionado sobre o conceito de corpo: “quando a gente estuda o corpo num todo, desde a parte microscópica até o macro, é impressionante, então acho que é uma máquina perfeita” (B1, 2023). O entrevistado refere-se ao corpo da dimensão microscópica a macroscópica, mas a dimensão cultural, subjetiva ou social não é comentada.

Essa forma de reduzir o corpo ao organismo biológico e em partes separadas pode ser consequência de um ideal cartesiano, surgido na Idade Moderna, o qual trouxe várias consequências para os debates e formas de encarar o corpo humano (Barbosa; Matos; Costas, 2011). As narrativas dos profissionais de EF deste estudo evidenciam essa visão de corpo atravessada pela lógica cartesiana que divide o corpo e a mente, como é possível observar no seguinte fragmento: “cuidar bem do corpo porque eu acho que é uma ferramenta que a mente tem” (B1, 2023).

A separação entre mente e corpo não eram questões que constavam no roteiro, porém ao longo das entrevistas surgiram narrativas nesse sentido, fazendo necessário questionar aos entrevistados como concebiam a relação entre mente e corpo. Caminhando nessa perspectiva, em que o corpo é visto como uma ferramenta que a mente domina como afirmou B1, A2 expõe: “Eu acho que uma mente forte domina um pouco o corpo. Ela vai se sobressair. Não importa como é o corpo da pessoa. Se a mente dela for forte o suficiente ela torna o corpo forte suficiente” (A2, 2023). Barbosa, Matos e Costa (2011) apontam como uma visão dicotômica entre mente e corpo tem como efeito uma abordagem tecnicista sobre o corpo, numa submissão do corpo, como algo que está fora do sujeito, que deve ser manipulado para o “melhor uso”. Segundo as autoras, pode-se dizer que a prática de atividades físicas é percebida como uma forma de domar à vontade, em que o físico estaria a serviço da razão para obtenção de um corpo sadio.

Os entrevistados apontam para a separação corpo e mente, contudo, três (A1, A2 e B1) sustentam que há uma ligação entre essas instâncias, como é possível analisar no fragmento a seguir:





Claro que o nosso corpo não vai se movimentar sem a nossa mente, né? Mas se nossa mente tiver muito fragilizada, por exemplo, nós temos dificuldade em executar qualquer tipo de movimento [...] Os dois são fundamentais, são importantes, ter uma mente boa vai ajudar o nosso corpo a se locomover melhor, a se fazer tudo melhor, uma mente mais “instabilizada” vai acabar prejudicando isso. Então, eles tão muito juntinhos ali, porém eles tão nos separando já. E é difícil explicar isso em palavras aí, a gente tem a ideia na cabeça, mas explicar o que realmente é, é algo bem complexo a gente pensar. (A1, 2023)

Esta fala aponta uma ligação entre o corpo e a mente, apesar de indicar uma superioridade da mente ao ditar as possibilidades de movimento. Além disso, o comentário final mostra certa dificuldade apresentada pelo participante em refletir sobre as questões do corpo fora do viés biológico e material.

Na mesma direção, o participante A2 comenta: “É, para mim é totalmente interligado. Porque muitas vezes a pessoa acha que o corpo dela não tem a capacidade de fazer uma coisa, mas se eu tento convencer ou se de alguma maneira a gente consegue convencer a mente dessa pessoa, ela pode realizar em si esse movimento” (A2, 2023). O participante B1 (2023) aponta essa relação afirmando que “se tem a consciência de que a mente quer uma coisa, mas a mente não faz aquilo para o corpo responder, por exemplo, ah eu quero emagrecer, mas deixa a preguiça tomar conta, preguiça eu acho que é um pensamento que toma conta e o corpo sofre em relação a isso”. Para ele, o corpo sofre com os pensamentos/sentimentos que a mente apresenta. Nesses relatos, percebe-se como o corpo é afetado pela mente, porém não comentam uma reciprocidade, ou seja, não indicam transformações na mente frente a usos do corpo.

Esses relatos dialogam com a pesquisa de Cruz, Batista e Oliveira (2022), que apontam como o corpo na esfera fitness ainda não rompeu com a concepção cartesiana, em que é predominante a centralidade da mente em detrimento do corpo físico e a objetivação corporal. A partir disso, ser ou ter corpo partem de significações diferentes e essa questão manifesta-se de maneira ambígua, num certo paradoxo para os entrevistados. O participante B2, que é fisiculturista e personal trainer, ao responder o que é corpo aponta que concebe o ser e ter de duas formas:

É meu objeto de trabalho, então eu não penso como eu. Tenho um corpo e eu tenho que fazer o máximo que eu puder para manter aquele corpo [...] Então, por exemplo, acabo que preciso passar por muita restrição de comida, sem a necessidade, se não fosse competição [...] tu começa a chegar a alguns extremos do teu corpo, teu corpo vai tendo algum, reflexo disso, né? E acaba afetando várias outras funções do teu corpo, fisiológicas. Então, sono, humor, irritabilidade, então começa a aflorar muito isso. Então, no meu lado como





atleta eu trato meu corpo como um corpo só, né? Não penso como eu, entendeu? (B2, 2023)

Na fala de B2, observa-se que, enquanto encara seus alunos como corpo, sendo eles mesmos; consigo, como atleta, concebe o corpo de maneira diferente. A partir disso, fica nítido como os significados dados ao corpo determinam formas de tratá-lo, na medida em que quando se tem o corpo como objeto de posse, entende-se que deve ser submetido a restrições para alcançar objetivos, mesmo que possa haver efeitos negativos para si.

Sudo e Luz (2010) assinalam como a hipervalorização da construção de uma imagem corporal, em suas diversas possibilidades de intervenções, corroborou com a ideia de que o corpo é passível a intervenções sem limites. Almeida, Wiggers, Jubé (2016) contribuem para a discussão ao problematizar a ideia do corpo rascunho que se apresenta como maleável e suscetível a transformações, seja para reinvenções ou correções dos excessos. O corpo rascunho está referido ao projeto moderno de construção corporal, que é modificado tanto pelos fatos sociais como técnicos e tecnológicos. Referente a essa questão, A1 expõe que:

Nós somos o nosso corpo. Claro que existe trabalho mental, porém sem o corpo fica... é, tipo, bem difícil da gente levar a nossa vida com motivação e alegria para frente. Então acho que se a gente conseguir cuidar do nosso corpo e deixar ele em estado de excelência que eu digo, é a gente conseguir fazer tudo basicamente com nosso corpo. (A1, 2023)

Nessa perspectiva, embora afirme que “somos o nosso corpo”, A1 referencia o corpo como um outro que deve ser cuidado para estar em estado de excelência, assim o ser é vinculado ao ter. Corroborando com as reflexões entre ser e ter um corpo, o entrevistado A2 afirma que: “Aqui é um corpo, mas também se tem, porque o corpo muda. Ele pode ser pequeno, alto, pode ser grande, então acho que pode ser largo, fino e muito vai mudando. A gente consegue mudar o nosso corpo. Então, além de ser, pode ser mudado” (A2, 2023). Nessa visão o corpo é “a materialidade” do ser e os significados apresentados referem-se a uma visão fragmentada, em que o ‘eu’ é formado pelo ‘corpo’ e ‘mente’.

Almeida, Wiggers, Jubé (2016) consideram o pressuposto que o corpo é simultaneamente uma representação individual do ser, como também o resultado da expressão coletiva, assim as técnicas corporais estão relacionadas às formas de representações coletivas que são entendidas como comuns em determinada sociedade. Diante disso, pode-se pensar que as narrativas apresentadas não são apenas manifestações individuais dos profissionais, estão associadas às representações coletivas, às quais desvelam uma dificuldade





em se pensar o corpo fora da materialidade orgânica, ou seja o corpo como histórico, social, subjetivo e também biológico, numa relação de interdependência e não de hierarquia.

Carvalho (2006, p. 155) contribui para essa discussão ao afirmar que “a medida que a educação física prioriza a dimensão física e biológica no que se refere ao corpo, ela o parte, o decompõe e ele perde a sua potência ainda que a justificativa da opção recaia no discurso da ciência”. A autora reflete como prevalecem na EF os discursos que desconsideram o sujeito e a subjetividade, na medida em que o corpo e a experiência do sujeito são deixados de lado. Essa reflexão parte de uma análise histórica e filosófica da construção da EF como campo de saber e sua aproximação com as áreas biomédicas como forma de legitimação e formalização de si no campo da saúde. As abordagens que se aproximam das áreas sociais e das humanidades são pouco fomentadas, como foi possível observar nos dados analisados nesta pesquisa.

A EF herda uma tradição científica e política de privilegiar a ordem e disciplina dos corpos, em que concebe os corpos como máquinas a serem manipuladas, produtoras e consumidoras de energia. Soares (2004) critica essa base higienista e moral da EF, em que não importa as condições para transformação do corpo, a obsessão no corpo e pelo corpo coloca um imperativo quase desesperado de tomada de posse desse objeto que deve ser submetido a métodos de transformação. A autora indica a necessidade da EF questionar-se sobre sua adesão a esses discursos referente ao corpo em sua prática.

Uma visão possível, que se contrapõe a cartesiana, é a de Merleau-Ponty, que reconhece a relação do ser humano como dinâmica e recíproca a partir do conceito de natureza viva, entendendo que o corpo humano faz parte da complexa totalidade da natureza, entrelaçado ao mundo que vive cria movimentos e ao mover-se cria sentidos. Visionar nesse sentido é levar em conta a cultura do movimento, entender que o corpo humano cria e guarda história (Mendes; Nóbrega, 2009). Para isso, é necessário significar o corpo como parte de si mesmo, porém as visões de corpo apresentadas pelos profissionais desconsiderando-o a partir de sua relação com a cultura.

Por fim, o modelo de corpo-máquina perpassa um ideal de rendimento e performance, em que se coloca uma instrumentalização dos exercícios, ao mesmo tempo em que o corpo passa a ser instrumento, matéria sem subjetividade (Góis Junior; Soares; Terra, 2015). Nesse sentido, pode-se refletir que o corpo-máquina na atualidade serve como uma “ferramenta” para o rendimento, performance e desempenho em saúde. Os discursos dos





entrevistados apoiam-se na ideia de que se deve treinar o corpo para se ter uma vida mais saudável e, nesta lógica, o corpo-máquina se sobrepõe ao corpo-sujeito, em que o corpo não está associado à ontologia.

CORPO FUNCIONAL E BELO: ENTRE SAÚDE E ESTÉTICA

A saúde e a estética são os principais motivos que levam as pessoas a praticarem musculação e outras atividades físicas condicionantes (Lima; Coelho Filho, 2018). Nesse sentido, são duas categorias que dialogam no campo da Educação Física. Há perspectivas que trabalham com a ideia da “estetização da saúde” (Ferreira, 2015), mas também as que se opõem quando um aluno(a) busca a atividade física e seu objetivo é saúde ou estética (Lima; Coelho Filho, 2018). Goellner (2015) ao trabalhar com a cultura fitness aborda como na contemporaneidade a estética (associada a aparência física) e saúde são entendidas como sinônimos, em contrapartida a autora menciona como saúde e estética demandam práticas corporais que não necessariamente caminham juntas.

O que se entende por saúde pelos profissionais entrevistados nesta pesquisa será discutido com base nos significados atribuídos ao corpo saudável. Ao serem questionados sobre o que define um corpo saudável, os entrevistados afirmam que é um corpo funcional e sem dores, trazendo a saúde física como a saúde geral. Esses aspectos são possíveis de serem observados nas falas de A1 e A2 apresentadas a seguir:

Um corpo que você consiga fazer qualquer coisa sem dificuldade [...] sem algum empecilho, sem alguma dor, que você consiga realizar qualquer tipo de movimento, não qualquer movimento absurdo, mas qualquer movimento básico sem nenhum tipo de dor ou limitação. (A1, 2023)

Um corpo saudável é um corpo sem dor... O corpo sem dor que consegue realizar movimentos, que tem flexibilidade, que tem força. É, tudo bem que isso é tudo uma escala relativa. É, mas que dentro da limitação pessoal de cada pessoa que ele conseguiu ter a melhor qualidade de vida possível. (A2, 2023)

Nesse sentido, o participante B1 afirma que “um corpo saudável, um corpo com poucas dores, eu acho que sempre ele tem uma dorzinha ou outra, mas poucas dores, uma função preservada” (B1, 2023). Com outras palavras, B2 também se posiciona da mesma forma ao afirmar que:

Para mim, um corpo saudável é um corpo funcional, que tu consigas fazer tuas tarefas diárias do teu dia tranquilamente, que tu consigas correr, que tu consigas subir uma escada sem ficar ventilando, que tu consigas ser funcional. Isso é bom para mim, saudável. (B2, 2023)





Interessante apontar como a saúde é equivalente à funcionalidade do corpo para estes profissionais. A saúde é definida pelas condições do corpo orgânico, não englobando outras dimensões, como psicológica, social, financeira ou espiritual. Como também não está associada ao campo das sensibilidades ou remetendo a sensação de bem-estar. Nessa lógica, apresenta-se a ideia do corpo funcional para a vida, em que é necessário treiná-lo para ter um melhor rendimento para vivê-la.

Com base nessas narrativas, a saúde é qualificada como a ausência de dores ou limitações, ligadas ao corpo como organismo biológico, em que as funções mecânicas e fisiológicas estão preservadas. Diante disto, a saúde é reduzida ao processo saúde-doença. Carvalho (2006) comenta que tal perspectiva é presente na EF, que fixa a saúde a dados estatísticos, trazendo uma relação causal, biologicamente determinada, entre saúde e doença, em que tendem a responsabilizar o sujeito pela sua condição de vida, desconsiderando a história da sociedade e suas problemáticas que afetam os sujeitos.

Lima e Coelho Filho (2018) problematizam como a saúde não deveria estar reduzida a fatos orgânicos, naturais e objetivos, tendo em conta que a saúde está associada também às características socioculturais da pessoa e os significados que a mesma atribui ao seu viver. Como apontam os autores, se associa diversos significados ao termo saúde, tornando uma discussão ampla, então cabe pensá-la historicamente construída por meio de diversos interesses e relações de poder. Nesse sentido, os dados corroboram com a afirmação de Lima e Coelho Filho (2018) de que a EF se distancia de um conceito amplo de saúde, em que a mesma está restrita ao discurso biológico, como confirma-se no seguinte trecho: “Saúde também ela é, na minha opinião, ela é subjetiva, né, mas ela é a melhor condição das funções do organismo” (B1, 2023).

Em outro sentido, Silva e Ferreira (2020) refletem sobre os profissionais de EF enquanto profissionais da saúde que atuam na educação dos corpos em academias de ginástica e propõem que a atuação profissional pode gerar diálogos importantes sobre corpo, numa abordagem que se aproxima da Saúde Coletiva. Assim, os autores sugerem que a conduta do profissional tem o potencial de educar os corpos e, ao mesmo tempo, promover saúde, na medida que considera a adesão nas atividades influenciada por fatores sociais, culturais e econômicos.

A visão de corpo social e cultural como um fator de saúde precisa ser desenvolvida durante a formação profissional. Os entrevistados comentam apenas das disciplinas voltadas





ao corpo biológico (anatomia, fisiologia, biomecânica, cinesiologia) e indicam uma diferença na forma como concebiam essa questão antes e depois de finalizarem o curso de EF. O entrevistado A2 afirma que: “Então eu não sei explicar direito como que eu via o corpo que eu já via antes de uma maneira e só aprofundou um pouco mais” (A2, 2023). Parece que o aprendizado dos elementos biológicos, anatômicos, fisiológicos e biomecânicos foi reforçado durante a graduação, enquanto não houve um aprofundamento do corpo como fruto da construção social, cultural, histórica, política ao qual pertence.

Nessa direção, o entrevistado A1, ao comentar sobre sua formação profissional, afirma que:

Antes, como eu tinha o desejo de trabalhar mais na área do esporte, comecei educação física com isso. Eu assimilava mais ao desempenho. Aí com o tempo, até mesmo com algumas matérias, conversando com algumas pessoas e principalmente trabalhando agora com a musculação, eu levo mais em consideração o corpo como se fosse algo mais funcional mesmo. A gente precisa dele para executar qualquer tipo de atividade [...] comecei a levar mais para o lado da saúde mesmo. (A1, 2023)

A partir desta fala, pode-se refletir como o participante A1 percebe sua construção de corpo durante a sua formação profissional e como a sua atuação profissional é pautada na saúde dos alunos. Segundo ele, inicialmente a assimilação que fazia do corpo era na perspectiva de desempenho, sendo que ao longo da graduação e estágios passou a assimilar pela perspectiva da funcionalidade e saúde. O entrevistado aponta para essa diferenciação entre saúde e desempenho, afirmando que o desempenho teria como objetivo “ter o corpo mais preparado para vencer o campeonato” (A1, 2023), enquanto na saúde o objetivo é “conseguir realizar suas atividades diárias” (A1, 2023).

Assim como o participante A1, B2 ao falar sobre sua formação profissional traz uma diferenciação na visão de corpo na perspectiva da saúde, e adiciona certa dicotomia entre saúde e estética, dizendo:

O curso de Educação Física é um curso muito raso, não dá pra dizer que tu vai se formar e vai saber alguma coisa, eu vejo como um complemento pra ti ter uma noção rasa sobre várias coisas, mas não consegue ter uma noção, tu não sai da faculdade hoje e tu não tem noção nenhuma de musculação, de academia, principalmente musculação porque se tiver duas matérias voltada pra isso é então muita matéria [...] sempre tratavam mais pro lado de saúde mesmo, assim, mas não muito voltado para o estético, mas saúde, e tratava mais a parte de fisiologia, assim, mais relação... batiam bastante em cima de obesidade, essas questões... mas o lado de estética num era muito falado assim. (B2, 2023)



Nessa fala B2 faz uma crítica ao curso de graduação em EF, apontando a formação como rasa, por não preparar para a atuação profissional na área da musculação e com o objetivo “estético”. Ainda, referencia como o corpo “fora do padrão” de saúde aparece em sua formação: “batiam bastante em cima de obesidade” (B2, 2023). Os corpos considerados fora da norma (gordo, lesionado ou velho) surgem nas narrativas dos entrevistados e estes teriam maior necessidade de serem “treinados” (B1, 2023). O mesmo participante ao ser questionado sobre quais os corpos servem para a musculação, aponta que todos devem treinar, sendo que os corpos magros para a manutenção das “funções ótimas”, e o corpo gordo ou doente é o que mais precisa em relação a sua saúde.

Sudo e Luz (2010) expõem como grande parte dos discursos científicos classificam como doentes os corpos (indivíduos) que transgridem ou se desviam das regras legítimas que determinam o que se considera como ideal de saúde. Diante disso, a ciência na atualidade considera o corpo gordo como fora da norma e, na maioria dos casos, como doente. Ele é visto como um desvio padrão da normalidade na sociedade contemporânea que institui como ideal o modelo de corpo magro (Carvalho; Martins, 2004). Isso fica exposto na fala de B1: “o corpo que mais precisa, o corpo obeso, doente precisa. Então, qualquer corpo necessita, não existe uma seleção assim. Na parte da saúde falando” (B1, 2023).

Carvalho e Martins (2004) argumentam como o modelo cartesiano trata o corpo gordo na perspectiva de uma máquina de entrada e saída de energia, em que cabe ao sujeito decidir usar sua força de vontade e disciplina para seguir uma prescrição dietética e de atividade física com fim de obter mudança no seu estado obeso e doente. Nesse modelo, o corpo gordo é simplificado à doença obesidade (Carvalho; Martins, 2004). Os autores atentam que um corpo gordo pode estar num movimento saudável o qual não compromete sua potência de agir, o que significa que uma classificação antropométrica isoladamente não é capaz de avaliar a saúde dos corpos, visto que exclui a relação de interação entre corpo e ambiente.

Com base em Lima e Coelho Filho (2018) é possível criticar a EF como agente ativa de discursos que reproduzem uma lógica excludente, que nega a diversidade de corpos e dita padrões de saúde. O corpo que foge do padrão de normalidade, funcionalidade e rendimento, ou seja, considerado não saudável e/ou doente, pode prejudicar o treinamento que visa o desempenho, como comenta o entrevistado B2:





Eu não gosto muito assim, porque a minha pegada é outra, eu gosto de ver acontecer, ver a pessoa entendendo e muitas vezes tu pegas uma pessoa que já é mais acometida, já tem um quadro mais grave de saúde, assim, geralmente tenta fazer o máximo para ela não decair, né? Então ela não chega a supercompensar, ela geralmente sempre se mantém e tu faz o possível para ela não piorar o estado dela, né? Eu já gosto de trabalhar com rendimento mais alto assim. (B2, 2023)

Ao comentar sobre a musculação para reabilitação, o entrevistado B2 afirma sua resistência ao lidar com corpos diversos. Nesse sentido, Machado, Zanetti, Moioli (2011) constataram a resistência de muitos profissionais em trabalhar com corpos modificados por lesões ou acidentes. Por outro lado, há o argumento da musculação ser o “remédio da vida” (B1, 2023), em que deveria ser uma prática comum a todos, principalmente dos corpos desviantes, como comenta B1: “se a pessoa nasce com uma condição física prejudicada, né? Ou debilitante assim, né, a musculação pode ajudar a pessoa a minimizar esse efeito de nascença” (B1, 2023).

O participante A1, ao responder sobre a relação que possui com os alunos, indica diferenças entre o público jovem e idoso, ou seja, na percepção desses corpos. Em sua narrativa, associa que o jovem busca a prática da musculação com objetivos estéticos e de desempenho, enquanto o idoso busca por reabilitação, apontando este último como um corpo com dores e limitações, que precisa de mais “carinho” e “atenção” (A1, 2023). Ao falar sobre o público idoso menciona cuidados diferentes e a importância da questão social, não comentando sobre a relevância desses elementos ao corpo jovem.

Dentro dessa visão reducionista de corpo, cabe uma abordagem crítica dentro do campo para uma atuação que se aproxime da promoção à saúde. Lima e Coelho Filho (2018) sublinham o papel importante da formação básica na discussão e compreensão da aptidão física e sua relação com a saúde. Carvalho (2006) indica necessário o diálogo entre os saberes que compõem a EF, sua complexidade exige que sejam consideradas abordagens outras, que não apenas das ciências biológicas, mas sociais e humanas também. Parece ainda haver uma dificuldade na articulação entre diferentes saberes e práticas dentro do campo da EF, visto que a área biomédica desvinculada de questões sociais e culturais ainda determina os caminhos de produção científica e atuação profissional.

Ferreira, Silva e Souza (2023) discutem sobre os diálogos possíveis entre Antropologia, Educação Física e Saúde Coletiva ao abordar a desconstrução da visão biomédica e levando em conta o contexto sociocultural no cuidado com o corpo fora do





processo de saúde e doença. O olhar antropológico sobre a saúde e corpo atentam para pensar os usos dele, pensando a atividade física como uma prática corporal que possui gestualidade e seus movimentos possuem significado.

Silva, Freitas e Lüdorf (2019) ao investigar sobre a concepção de corpo de profissionais de EF em academias de ginástica concluiu que o contexto cultural e socioeconômico em que os profissionais estavam inseridos interfere nos sentidos e significados dados ao corpo. Em tal pesquisa, a visão de corpo era pautada na estética, em que os profissionais enfatizavam a aparência física como categoria central em relação ao corpo. No que diz respeito ao nosso estudo, foi encontrada a estética e a saúde como categorias centrais em relação ao corpo e a prática de atividade física.

Quando questionamos os entrevistados sobre o que consideram um corpo bonito, os dois personal trainers (B1 e B2) trazem uma visão semelhante: de uma estética relacionada à aparência física. B2 afirma que: “para mim um corpo bonito é um corpo mais atlético, mais músculo e mais definição” (B2, 2023). No mesmo sentido, B1 coloca que “o corpo bonito basicamente contorna as formas do esqueleto, né? Nas suas proporções, não precisa ser sempre magro como um esqueleto, mas o corpo acompanha essa silhueta do esqueleto, para mim aí esse é o corpo bonito” (B1, 2023). Essa visão de beleza apresenta-se compatível com padrões socialmente difundidos na sociedade contemporânea sobre o que é belo corporalmente, dentro de uma figura magra e musculosa.

Sant’Anna (2010) aponta como as preocupações relacionadas à beleza se confundem com a preocupação com a saúde, em que academias e farmácias introduzem balanças em seus estabelecimentos para confirmarem o aumento da importância em vigiar o próprio peso, em prol da saúde ou do embelezamento. Segundo a autora, a obrigação de emagrecer imposta às mulheres criou a ideia de que se deve agir sobre o corpo com dietas e ginásticas de maneira constante e profunda, com o intuito de parecer mais sadia e jovem (Sant’Anna, 2010).

Em relação ao controle do corpo e o embelezamento, testemunha-se nas narrativas a priorização do treino de membros superiores aos homens e inferiores para as mulheres. O participante B2 refere que muitas mulheres não gostam de treinar braço, por isso para muitas alunas ajusta o volume do treino para que tenham mais do que é do gosto delas (exercícios focados nos membros inferiores), mas refere que entende como importante um equilíbrio no trabalho de força dos membros superiores e inferiores independente do gênero. Nessa direção





afirma que “não tem como a mulher treinar a perna bem se ela não treinar o mínimo de braço possível para conseguir sustentar o treino de perna, algo que tem que segurar a barra, e homem a mesma coisa, né?” (B2, 2023).

A construção do treino com base no gênero é histórica, a exigência e controle do corpo das mulheres e dos homens é diferente no que tange aos exercícios e usos do corpo. Interessante comentar que A1 salienta que não existe exercício exclusivo para mulheres ou para homens, que a diferença se baseia nos objetivos indicados pelos alunos ou alunas. Nesse sentido, é importante refletir que essa diferenciação dos treinos conforme os gêneros, tal como surge nas narrativas dos entrevistados ao serem questionados sobre a montagem dos treinos, dialogam com as exigências sociais e culturais dentro do padrão cisheteronormativo, em que há certa generificação dos corpos, como é possível ler nos depoimentos de B2 e A1: o corpo das mulheres deve ser treinado para obter um “bumbum legal” (B2, 2023), e ao corpo dos homens é requerido um “treino mais forte” (A1, 2023) de braço. Segundo Hansen e Vaz (2006) essa diferenciação de gênero no campo da musculação surge por meio de ideais de beleza socialmente normalizados, em que às mulheres convém desenvolver as áreas do corpo vistas como desejáveis do ponto de vista dos homens, como barriga, peito e bunda.

Pondera-se sobre a concepção dada a estética, em que para os personal trainers o corpo bonito é vinculado a imagem corporal adotada na contemporaneidade ocidental como um ideal de saúde e beleza, possibilitando a contemplação da “estetização da saúde” (Ferreira, 2015), em como saúde e beleza surgem associados. Os instrutores das salas de musculação trazem a beleza do corpo numa visão mais subjetiva, ainda vinculada a imagem, mas com reconhecimento da pluralidade dos corpos.

Lima e Coelho Filho (2018) aludem que a estética e a saúde são os principais motivos para a busca por atividades físicas por homens e mulheres, o que pode ter contribuído para a construção e entrelaçamento dessas categorias. Os autores criticam a forma como o termo estética é empregado levemente, difundido em massa pela lógica de mercado de forma reducionista referindo-se a produtos ou serviços prestados com a intenção de embelezamento.

Para os autores, a estética está relacionada a dois pontos de análise: “1) cada indivíduo tem uma capacidade própria de sentir e uma forma particular de perceber e expressar o belo; 2) recorrer à estética implica ter em consideração o sentimento do sujeito, uma condição subjetiva associada ao prazer” (Lima; Coelho Filho, 2018, p. 44). Com base nisso,





apresentam a compreensão de que é inerente à experiência estética, uma condição subjetiva prazerosa e de fruição. Pensar a estética como categoria filosófica é dar ao corpo uma dimensão além da materialidade, reconhecendo-a como parte do campo das sensibilidades.

Embora com associações à aparência física, o corpo bonito reconhecido pelos instrutores de salas traz o elemento subjetivo e o reconhecimento da pluralidade de corpos e belezas. O participante A1 expõe que corpo bonito é:

[...] aquele que o indivíduo considera bonito. Em relação a beleza isso é extremamente subjetivo. Então, é que eu posso considerar, tipo, o que é o bonito para mim do meu corpo, não para os outros [...] Mas isso é como eu falei, assim, subjetivo para cada um. Meu bonito para mim é o que eu tento alcançar. Entende? Mas eu não posso me julgar um bonito para o outro porque para mim isso é muito subjetivo. (A1, 2023)

Ao passo que A2 discorre que:

Todos, cada pessoa tem a sua beleza então é estranho, é uma pergunta bem difícil porque é pessoal, mas cada pessoa tem a sua visão de beleza. Eu sou bem eclético, então para mim é difícil, né? Eu tenho amigas que são gordinhas, que eu acho elas a coisa mais linda do mundo, eu tenho amigas que são magérrimas que eu acho elas a coisa mais linda do mundo. Eu já tive namorada, a minha esposa atual é loira de olho claro, mas eu também já namorei com uma menina que era negra. Eu já namorei com japa, acho que é muito complicado responder porque está muito de como a gente olha as pessoas. Então, não é tão pelo corpo ou pela forma física. (A2, 2023, grifos nossos).

O entrevistado faz referência a dimensão visual ao estabelecer o que é belo, porém traz que a beleza está no olhar, e não no corpo que é olhado. Essa distinção indica uma experiência estética entre o olhar e o belo, não focado na forma física.

Ao mesmo tempo, aos corpos fora do padrão de funcionalidade ou normalidade é imposto a necessidade de treinar, não por uma experiência estética como condição subjetiva e prazerosa com a prática, mas pela argumentação de restabelecer a saúde. Esse aspecto pode ser denominado como “Estetização da Saúde” (FERREIRA, 2015), que se refere à valorização dos parâmetros estéticos enquanto definidores de saúde. Assim, cabe refletir sobre os padrões de saúde e estética exigidos socialmente e como podem apresentar-se numa relação dialética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os significados de corpo atribuídos pelos profissionais participantes da pesquisa implicam num debate histórico no campo da EF, em que desde seu surgimento se pauta em perspectivas biomédicas para definir e conceituar o corpo, sendo visto como organismo biológico a ser treinado e controlado. A ideia do corpo-máquina é indicada de maneira direta





nas narrativas, expondo uma lógica discursiva dos profissionais que objetifica o corpo, enfatizando uma visão cartesiana, de divisão entre corpo e mente. Os profissionais indicam uma relação entre essas dimensões, no sentido de que o corpo é acometido pelos processos mentais. Outras pesquisas apresentam representações semelhantes no campo da EF. Pode-se inferir com isso que, ao ser concebido como uma máquina biológica separada da mente, essa compreensão se reflete na atuação e visão de saúde e beleza apresentada pelos profissionais.

Observa-se que a temática apresenta lacunas a serem estudadas, tal como: o lugar simbólico dado à musculação; a influência dos significados sobre o corpo nas intervenções dos profissionais (em avaliações, prescrições de treino, acompanhamento dos alunos); os usos do corpo dentro da musculação. Além disso, apesar da compreensão em profundidade que presam as pesquisas qualitativas e a intencionalidade deste estudo, ao considerar as diferenças culturais e sociais de cada indivíduo, grupo e sociedade, há a limitação em compreender o campo da musculação com apenas quatro entrevistas com profissionais da área.

Por fim, as análises apresentadas não têm como intuito reduzir a ótica dos profissionais de EF dentro de uma concepção reducionista, mas trazer à luz como a atuação e intervenção profissional vem sendo estrutural e socialmente configurada. Percebe-se, assim, a importância do diálogo entre os diversos campos que compõem a EF para pensar sobre o corpo, a musculação, a saúde e a estética, sem que haja a hierarquização de um saber sobre o outro.

Conclui-se que este estudo buscou contribuir para os debates em torno do corpo no campo da EF (e fora dela), compreendendo que os significados de corpo constroem racionalidades que interferem na atuação e intervenção profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Dulce Filgueira de; WIGGERS, Ingrid Dittrich; JUBÉ, Carolina Nascimento. Do corpo produtivo ao corpo rascunho: aproximações conceituais a partir de relações entre corpo e tecnologia. **Sociedade e estado**, v. 29, n. 3, p. 963–983, 2016.

ARAÚJO, Amanda Mello Andrade de, VAZ, Alexandre Fernandez; BASSANI, Jaison José. Corpo e identidade um olhar sobre as mulheres praticantes de bodybuilding. **Movimento**, v. 24, n. 3, p. 961-972, 2018.

AYOUB, Eliana; SOARES, Carmen Lúcia. Estudos e pesquisas do e sobre o corpo: a produção da Pro-Posições (1990-2018). **Pro-Posições**, v. 30, p. 1-25, 2019.





BARBOSA, Maria Raquel, MATOS, Paula Mena e COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & sociedade**, v. 23, n. 1, p. 24-34, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASSANI, Jaison; VAZ, Alexandre. Técnica, corpo e coisificação: notas de trabalho sobre o tema da técnica em Theodor W. Adorno. **Educação e sociedade**, v. 29, n. 102, p. 99-118, jan./abr. 2008.

BOAVENTURA, Patrícia Luiza Bremer. **Técnica, estética, educação**: os usos do corpo na ginástica rítmica. 2016. 445f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2016.

CAMPOS, Igor Faria.; PESSOA, Vitor Lucas de Faria. Lazer e Musculação: Um estudo de caso em uma academia na região periférica na cidade de Belo Horizonte. **Licere**, v. 25, n. 4. p. 33-57, 2023.

CAVALHEIRO, Ariana Souza; SOARES, Rodrigo Lemos. Uma educação física para além do embelezamento: algumas considerações sobre corpo e saúde. **Didática sistêmica**, v. 16, n. 1, p. 66-76, 2015.

CARVALHO, Maria Cláudia; MARTINS, André. A obesidade como objeto complexo: uma abordagem filosófico-conceitual. **Ciência & saúde coletiva**, v. 9, n. 4, p. 1003-1012, 2004.

CARVALHO, Yara Maria de. Saúde, sociedade e vida: um olhar da educação física. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 27, n. 3, p. 153-168, 2006.

COLLIER, Luciana Santos. Educação física, ciência e saúde: formação e atuação de professores. **Educación física y ciencia**, v. 21, n. 4, 2019.

CRUZ, João Vitor; BATISTA, Mayara Brito; OLIVEIRA, Rogério Cruz de. Concepções de corpo nas academias de ginástica: uma revisão de escopo. In: SILVA, Alan Camargo (Org.). **Corpo e práticas corporais em academias de ginástica**. Curitiba, PR: Bagai, 2022.

FERREIRA, Francisco Romão. A estetização da saúde. In: BAGRICHEVSKY, Marcos; ESTEVÃO, Adriana (Orgs.). **Saúde coletiva**: dialogando sobre interfaces temáticas. Ilhéus, BA: Editus, 2015.

FERREIRA, Jaqueline, SILVA, Alan Camargo; SOUZA, Mayara Cassimira. Antropologia, educação física e saúde coletiva: aproximações interdisciplinares. **Motrivivência**, v. 35, n. 66, p. 1-11, 2023.

FREITAS, Diego Costa *et al.* As práticas corporais nas academias de ginástica: um olhar do professor sobre o corpo fluminense. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 4, n. 33, 959-974, 2011.





GOELLNER, Silvana. Corpo: (re) pensando entendimentos, articulações e possibilidades. **Diversidade e educação**, v. 3, n. 5, p. 4-9, 2015.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo; SOARES, Carmen Lucia; TERRA, Vinicius Demarchi Silva. Corpo-máquina: diálogos entre discurso científico e a ginástica. **Movimento**, v. 21, n. 4, p. 973-984, 2015.

GONÇALVES, Michelle; TURELLI, Fabiana; VAZ, Alexandre. Corpos, dores, subjetivações: notas de pesquisa no esporte, na luta, no balé. **Movimento**, v. 18, n. 3, p. 141-158, 2012.

GONÇALVES, Michelle; VAZ, Alexandre. Educação do corpo, dor, sacrifício: um estudo com competidores de atletismo. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 58, n. 1, p. 1-10, 2012.

GONÇALVES, Michelle. **Esporte e estética**: um estudo com jogadoras de rúgbi. 2014. 225f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2014.

HANSEN, Roger Hansen; VAZ, Alexandre Fernandez. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 26, n. 1, p. 135-152, 2004.

HANSEN, Roger.; VAZ, Alexandre Fernandes. "Sarados" e "gostasas" entre alguns outros: aspectos da educação dos corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação. **Movimento**, v. 12, n. 1, p. 133-152, 2006.

LIMA, Vanessa Lucena; COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade. Saúde, estética e educação física: uma aproximação crítica. **Instrumento**, v. 20, p. 37-49, 2018.

MACHADO, Afonso Antônio; ZANETTI, Marcelo Callegari Zanetti; MIOLI, Altair Moioi. O corpo, o desenvolvimento humano e as tecnologias. **Motriz**, v. 17, n. 4, p. 728-737, 2011.

MELO, Fernando Garcez de; MOREIRA, Evando Carlos. Corpo no pragmatismo de Richard Rorty. **Movimento**, v. 26, p. 1-13, 2020.

MENDES, Maria Isabela Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Cultura de Movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura. **Pensar a prática**, v. 12, n. 2, p. 1-10, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista pesquisa qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017.

MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE: Maria Cristina.; ALMEIDA, Maria Amélia.; OMOTE; Sadao (Orgs.). **Colóquios sobre pesquisa em educação especial**. Londrina: Eduel, 2003.





MORAES, Cláudia Emília Aguiar Moraes. **A educação do corpo à beira-mar**: esporte modernidade na Ilha de Santa Catarina (1857-1932). 2017. 280f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2017.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Descobrir o corpo: uma história sem fim. **Educação & realidade**, v. 25, n. 2, p. 49-58, 2000.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). **Corpo e história**. São Paulo: Autores Associados, 2004.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Brasil: o belo, o esbelto, o sadio. In: FISCHLER, Claude; MASSON, Estelle (Orgs.). **Comer**: a alimentação de franceses, outros europeus e americanos. São Paulo: SENAC, 2010.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Corpos no "limite" e risco à saúde na musculação: etnografia sobre dores agudas e crônicas. **Interface**, v. 21, n. 60, p. 141-51, 2017.

SILVA, Alan Camargo; FREITAS, Diego Costa; LÜRDOF, Silvia Maria Agatti. Profissionais de educação física de academias de ginástica do Rio de Janeiro e a pluralidade de concepções de corpo. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 41, n. 1, p. 102-108, 2019.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Corpo "educado": atuação pedagógica de professores de Educação Física em academias de ginástica. **Motrivivência**, v. 32, n. 63, p. 1-16, 2020.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Musculação como espaço generificado e sexualizado? notas etnográficas. **Conexões**, v. 21, p. 1-21, 2023.

SILVA, Ana Márcia. Corpo e diversidade cultural. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 23, n. 1, p. 87-98, 2001.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação física**: raízes européias e Brasil. Campinas, SP: Autores Associado, 2004.

SOUSA, Priscylla de Moraes.; NEVES, Ricardo Lira de Rezende. Concepções de corpo operadas no campo da Educação Física: uma revisão narrativa. **Pensar a prática**, v. 26, p. 1-20, 2023.

SUDO, Nara; LUZ, Madel Therezinha. Sentidos e Significados do corpo: uma breve contribuição ao tema. **Ceres**, v. 5, n. 2, p. 101-112, 2010.

VAZ, Alexandre. Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cadernos Cedex**, n. 48, p. 89-108, 1999.

Dados da primeira autora:

Email: jessicavicenterosa@gmail.com

Endereço: Rua Patrício Farias, 101, Itacorubi, Florianópolis, SC, CEP: 88034-132, Brasil.





Recebido em: 04/04/2024
Aprovado em: 08/07/2024

Como citar este artigo:

ROSA, Jéssica Vicente; BOAVENTURA, Patricia Luiza Bremer. Narrativas de profissionais de educação física sobre o corpo na musculação: objeto produtivo, funcional, saudável e belo. **Corpoconsciência**, v. 28, e.17418, p. 1-23, 2024.

